

---

# A FICÇÃO CIENTÍFICA DISTÓPICA DE PRIMO LEVI E O NOVO CORONAVÍRUS: O VÍCIO DE FORMA DA TECNOLOGIA

## PRIMO LEVI'S DYSTOPIAN SCIENCE FICTION AND THE NEW CORONAVIRUS: THE FORMAL DEFECT OF TECHNOLOGY

Aislan Camargo Maciera <sup>1</sup>

Luciana Massi <sup>2</sup>

Carlos Sérgio Leonardo Júnior <sup>3</sup>

**Resumo:** A pandemia do novo coronavírus tornou corrente a ideia de que estamos vivendo uma distopia. Instigados por essa ideia, exploramos neste ensaio o potencial de textos de ficção científica distópica para tensionar a noção de verdade científica ao omitir informações e gerar incertezas sobre a realidade, envolvendo artefatos tecnológicos que condicionam as possibilidades de vida e sociabilidade, como na novela *A máquina parou* de E. M. Forster. A partir do conto “Proteção” da obra *Vício de forma* de Primo Levi — judeu, químico e sobrevivente da Shoá —, discutimos sua percepção de ciência e estabelecemos um paralelo com nosso contexto abordando a tecnologia como cerceamento da liberdade e da verdade e como ampliação que limita a vida humana. Esperamos que esse ensaio contribua para que esse subgênero literário siga cumprindo o papel de nos alertar para os perigos iminentes da nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Ficção científica; Distopia; Primo Levi; Coronavírus; Tecnologia.

**Abstract:** The new coronavirus pandemic has made the idea that we are living in the eminences of a dystopia. Instigated by this idea, we explore in this essay the potential of dystopian science fiction texts to tension the notion of scientific truth by omitting information and generating uncertainties about the reality, involving technological artifacts that condition the possibilities of life and sociability, as in the novel *The machine stops* by E. M. Forster. Based on the short story “Protection” from the book *Formal defect* by Primo Levi — Jew, chemist and survivor of Shoá —, we discuss his perception of science and we establish a parallel with our context approaching technology as a restriction on freedom and truth and as an extension that limits human life. We hope this essay may help this literary subgenre to continue fulfilling their alert role for the imminent dangers of our society.

**Keywords:** Science fiction; Dystopia; Primo Levi; Coronavirus; Technology.

---

1 Pesquisador de Pós-Doutorado e professor colaborador de Literatura Italiana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP/São Paulo). E-mail: aislan@usp.br

2 Professora assistente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Araraquara) e do Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciência da Faculdade de Ciências da UNESP/Bauru. E-mail: luciana.massi@unesp.br.

3 Mestrando em Educação para a Ciência na Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Bauru). Licenciado em Química pelo Instituto de Química da UNESP/Araraquara. E-mail: carlos.leonardo@unesp.br

A pandemia gerada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) alterou significativamente a nossa forma de vida e sociabilidade. A rápida disseminação do vírus e os efeitos causados pela doença ao redor do mundo colocaram-nos diante de diversas incertezas e medos, que exigem a busca por respostas imediatas, soluções da ciência ou até mesmo por refúgio e salvação.

Contudo, o Brasil se transformou em um experimento vivo de criação de variantes, de um Estado suicidário — pautado na violência estatal e na destruição de corpos (SAFATLE, 2020) — e do experimento da extrema direita, que ilustra claramente a estratégia de investir na crise como reação à crise social e histórica do capitalismo (MASCARO, 2020). A consequência do pensamento obscurantista desses governantes — e o reflexo das políticas de austeridade por eles conduzidas e implementadas nos últimos anos — é o sucateamento que a saúde, a ciência e a educação sofrem a partir do corte, congelamento e teto de recursos a elas destinados.

Todo esse contexto é responsável, por exemplo, pelo desconhecimento de grande parte da população sobre noções básicas da ciência, tais como: a diferença entre vírus e bactéria (e entre verme, que é combatido por um vermífugo receitado como prevenção à contaminação por um vírus); o processo de imunização pelas vacinas; a precarização das condições de trabalho e de qualidade do serviço da saúde pública; ou ainda a ausência de tecnologias básicas e de pessoal qualificado dedicado à pesquisa. A crise do capitalismo contemporâneo é agravada pela pandemia (MASCARO, 2020), impedindo o vislumbre de alternativas a um sistema que aceita a existência de patentes, que enriquecem uns poucos bilionários, às custas da divulgação da informação, da imunização e da vida de milhares de pessoas de países pobres ou geridos por políticas genocidas.

## A FICÇÃO CIENTÍFICA DISTÓPICA E OS NOVOS MAPAS DO INFERNO

O cenário catastrófico que se apresenta, agudizado recentemente por desastres ambientais, parece conter elementos que podem caracterizar uma distopia: a desesperança, a invisibilidade de uma saída e a impotência. Essas são marcas de cenários distópicos apresentados pela literatura principalmente a partir da primeira metade do século XX, quando o grande avanço científico e tecnológico — consequência da Segunda Revolução Industrial — apresentou ao mundo uma nova realidade, povoada pelas máquinas, por um novo estilo de vida e por uma nova forma do indivíduo perceber a realidade. Foram três as distopias clássicas dessa época: *Nós* (1921) de Yevgeny Zamyatin, *Admirável mundo novo* (1932) de Aldous Huxley e *1984* (1949) de George Orwell.

De acordo com Suvin (2010, p. 383, grifo do autor, tradução nossa), uma distopia é a “[...] construção de uma comunidade específica onde as instituições sociopolíticas, normas e relações entre as pessoas estão organizadas de acordo com um *princípio radicalmente diferente* [menos perfeito] em relação à comunidade do autor”. Segundo Becker (2017), os governos autoritários, a presença da guerra e os desastres ambientais marcam esse tipo de literatura. O tensionamento da verdade também costuma ser um tema importante nas distopias, pois ela está diretamente relacionada ao controle da linguagem, uma vez que “[...]”

a ordem oficial hegemônica da maioria das distopias [...] apoia-se, como Antonio Gramsci observa, tanto na coerção como no consenso” (MOYLAN, 2000, p. 148).

No Brasil, Estado suicidário de Jair Bolsonaro, vivenciamos as barbáries de um poder político que ultrapassa o autoritarismo (SAFATLE, 2020). Com a pandemia da COVID-19, as tecnologias podem estar contribuindo para o cerceamento da liberdade e da verdade e para ampliar os limites da vida humana. O termo Infodemia (*Infodemic*) foi cunhado para se referir à crise comunicativa (PÉREZ-DASILVA, AYERDI, GALDOSPÍN, 2020) de circulação de mensagens falsas (*fake news*) sobre a pandemia. Assim, a sociedade parece caminhar para um cenário de ficção científica distópica, subgênero literário da distopia na qual a sociedade distópica se baseia não em princípios sociopolíticos, mas em princípios relacionados à ciência (biológicos, geológicos, químicos etc.) (MOYLAN, 2000; SUVIN, 2010). A distopia encontrou na ficção científica um gênero fértil e popular, capaz de aprofundar análises conflitantes com o utopismo de que uma sociedade melhor só é possível com auxílio da ciência e suas tecnologias (MOYLAN, 2000).

A ficção científica distópica se desenvolveu, principalmente, após a II Guerra Mundial, tecendo os “novos mapas do inferno” (MOYLAN, 2000). Porém, há exemplos significativos anteriores, nascidos entre o final do século XIX e o início do século XX, que se colocam na contramão do excessivo entusiasmo pelos avanços tecnológicos daquele momento.

Um dos textos mais ilustrativos dentro daquilo que pretendemos expor é a novela *A máquina parou* (1909) de E. M. Forster. A narrativa, pouco conhecida entre os leitores brasileiros é, efetivamente, uma das primeiras ficções científicas distópicas da literatura (MOYLAN, 2000; SUVIN, 2010). Nela, o autor cria um mundo alternativo, em tempo e espaço indefinidos, caracterizado pela perda da individualidade para um coletivismo tecnologicamente moderno dominado pela Máquina, criada pelo próprio homem, que passou a controlar toda a organização da sociedade e sua comunicação, sem que as novas gerações conhecessem os princípios do seu funcionamento, norteados por um manual e adorando-a cegamente.

Na história, acompanhamos Vashti em suas atividades cotidianas dentro de sua célula com iluminação artificial, um quarto onde ela permanece grande parte do tempo sentada sobre uma cadeira móvel e onde dispõe de diversos aparatos tecnológicos para se comunicar com os outros, ouvir música, dar palestras, dormir etc. Sua célula é uma das diversas células que compõem uma espécie de colmeia subterrânea, uma vez que a superfície terrestre é considerada inóspita devido à qualidade do ar. Com a ascensão da Máquina, o contato humano direto foi desencorajado, bem como a religião e a admiração pela natureza. “Pouca gente viajava naqueles dias já que, graças à ciência, a Terra era exatamente igual por toda parte. Os relacionamentos inesperados, nos quais a civilização havia depositado tantas esperanças no passado, tinham desaparecido” (FORSTER, 2018).

A história possui características que se aproximam de uma ficção científica distópica épica devido à presença da personagem Kuno, filho de Vashti, que representa o indivíduo divergente por questionar alguns princípios do sistema e conseguir escapar por um período para a superfície, percebendo que as condições “do lado de fora” não estão ruins como diziam. Depois que a comunidade é surpreendida pelas catastróficas falhas no sistema da Máquina, surge uma esperança em Vashti e Kuno de que haja vida na superfície. De acor-

do com Moylan (2000), a distopia épica possui um compromisso utópico e uma resistência ativa, indicando uma possibilidade de mudança, enquanto que a distopia mítica, também chamada de pseudo-distopia, tem uma postura antiutópica e uma resistência passiva, gerando um paradigma social; um texto distópico pode estar localizado em qualquer região do *continuum* que existe entre essas duas formas literárias.

A forte presença da tecnologia na nossa sociedade vem acompanhada de promessas de maior liberdade e acesso às informações. A ficção científica distópica denuncia os limites dessas supostas liberdades e verdades e permite estabelecer relações com o momento vivido atualmente. Alguns autores associam as mensagens falsas ao modo de produção e circulação de ideias na internet e nas mídias sociais, em que qualquer pessoa é produtora de informações, a difusão das mensagens é bastante ampla e variada e existem poucas formas seguras de verificação das informações (TANDOC JR.; LIM; LING, 2018; DELFINO; PINHO NETO; SOUSA, 2019; ALCANTARA; FERREIRA, 2020). Lima, Calazans e Massi (2021) alertam que esse fenômeno expressa a contradição sobre o monopólio da comunicação disputado por grandes multinacionais e empresas de mídias sociais, em que as multinacionais reivindicam a legitimidade da informação como forma de reação ao crescente mercado das mídias sociais.

*A Máquina parou* nos remete à pandemia causada pelo novo coronavírus e ao isolamento social por apresentar uma comunidade na qual o contato humano é evitado, não devido ao perigo de contaminação por um vírus, mas porque o toque era considerado desnecessário e poderia atrapalhar a mente. Assim, uma suposta liberdade maior da mente é condicionada a uma limitação, não vista pelos personagens como um cerceamento, como a suposta liberdade da internet, que vem acompanhada da dificuldade no estabelecimento da confiabilidade da informação.

Quando Vashti se afastou dos raios de sol e se desequilibrou, dando um grito, a atendente fez um gesto incivilizado: estendeu a mão para ampará-la.

“Como se atreve!”, disse a passageira. “Você passou dos limites!”

A atendente ficou confusa e pediu desculpas por não a ter deixado cair. As pessoas nunca tocavam umas nas outras. Esse costume tornara-se obsoleto, devido à Máquina. [...]

O dia arrastava-se, cansado. Os passageiros permaneciam sentados em suas cabinas, evitando-se mutuamente com uma repulsa quase física e ansiando por estar de novo abaixo da superfície da Terra. (FORSTER, 2018)

De forma similar, estamos confinados em nossas casas, à mercê das tecnologias para nos comunicarmos com amigos e familiares ou até trabalharmos. A capacidade de conjectura própria da ficção científica é explorada de maneira brilhante por Forster, que em 1909 imaginou ferramentas de comunicação virtual (Skype, Google Meet, Zoom etc.) que hoje, mais de 100 anos depois, podem ser acessadas facilmente em nossos computadores,

tablets e smartphones. A novela nos leva aos questionamentos: Estamos, com as tecnologias, efetivamente mais próximos e livres para nos comunicar? Quem controla essas formas de comunicação e restringe a nossa liberdade?

Um dos contos de ficção científica distópica do químico e escritor italiano Primo Levi (1919-1987), intitulado “Proteção”, também remete para essa questão. Levi foi um autor conhecido e difundido pela literatura de testemunho, nascida da experiência como prisioneiro da Alemanha nazista em um dos campos de concentração e extermínio do complexo de Auschwitz, durante a II Guerra Mundial. Sobrevivente da *Shoá*, ele também escreveu diversos contos fantásticos e de ficção científica ao longo de sua carreira, e em alguns deles, assim como Forster em *A máquina parou*, apresenta diversos paralelos com a situação de distopia latente que estamos vivenciando devido à pandemia. Levi viveu toda sua juventude no regime fascista de Mussolini até ser enviado para Auschwitz. Entendemos, portanto, que vivenciou diretamente experiências distópicas que se refletem em sua obra. Levi vivenciou com Hitler o único experimento de Estado suicidário anterior ao que estamos vivenciando (SAFATLE, 2020).

## A FICÇÃO CIENTÍFICA E A VIDA DISTÓPICA DE PRIMO LEVI

Primo Levi foi um grande autor de narrativas ficcionais que caminham no território do fantástico e da ficção científica. Sua obra revela, desde o início, uma intensa articulação entre literatura e ciência, na qual é possível reconhecer a perspectiva investigativa e analítica adotada por ele como método, na tentativa de compreender o mundo. Esse movimento é claramente ilustrado no seu primeiro trabalho, *É isto um homem?* (1947). Nele, Levi reflete sobre o processo de desumanização vivido no campo de concentração, quase como um observador que, ao adotar esse olhar analítico para a experiência traumática vivenciada, consegue, ainda que parcialmente, se distanciar daquela realidade para melhor compreendê-la.

Após publicar seu segundo livro, *A trégua* (1963), narrativa que conta a “odisseia” da volta para casa após a liberação do campo de Auschwitz pelos russos, Primo Levi atinge relativo sucesso de crítica e público, inserindo-se no ambiente intelectual italiano. Para além da literatura de testemunho, desde a volta para casa, Levi já se dedicava a escrever alguns contos de ficção, que foram publicados de forma esparsa em alguns jornais e periódicos nas décadas de 1950 e 1960. Uma das principais influências para o autor, nessa perspectiva, era Aldous Huxley. Em diversos ensaios e entrevistas, bem como na publicação de sua antologia pessoal<sup>4</sup>, Levi elogia o escritor inglês que, ferido pela guerra, assim como ele, demonstrava por meio de sua obra, sobretudo aquela produzida entre as décadas de 1920 e 1940, (LEVI, 2016, p. 8) “uma sincera preocupação com o destino da humanidade”.

O primeiro volume de contos do autor foi lançado pela Einaudi em 1966, com o título de *Histórias naturais*. Pela primeira vez, o químico trazia ao grande público sua ficção, com narrativas que poderiam, se analisadas superficialmente, ser classificadas como simples

4 Em 1981, Primo Levi publica pela Einaudi o volume *La ricerca delle radici* (ainda sem tradução para o português), uma antologia pessoal na qual expõe os autores que mais contribuíram para a sua formação, tanto como químico quanto como escritor.

ficção científica. É importante ressaltar que tal gênero era considerado pela crítica, naquele momento, como um gênero secundário dentro da literatura, formado por textos de pouca profundidade e que tinham como objetivo o entretenimento. Dessa forma, *Histórias naturais* foi lançado sob o pseudônimo Damiano Malabaila, um artifício editorial, já que tanto Levi quanto seu editor temiam uma recepção negativa por parte do público e da crítica.

De fato, muitas foram as críticas negativas aos “divertimentos” de Levi. Mas aquilo que elas pareciam não enxergar é um ponto fundamental acerca da sua obra literária: não há, rigorosamente, nenhuma página escrita por Primo Levi que se dissocie da memória e da experiência como prisioneiro dos nazistas. Nesse sentido, todos os contos reunidos em *Histórias naturais* e no volume posterior, *Vício de forma* (1971), apresentam como pano de fundo a preocupação central de Levi: a condição humana em situações-limite, em contextos nos quais o *ser* humano é ameaçado. Em *Vício de forma*, encontramos exemplos de sua ficção científica distópica, que, segundo Mori (2015), apresentam dois temas recorrentes: 1) personagens que mal sabem do seu contexto; e 2) personagens pós-humanos devido à manipulação da natureza humana (física e mental). A autora define “[...] essa falta de consciência como *sconoscenza* (um substantivo italiano incomum que pode ser traduzido como ‘desconhecimento’)<sup>5</sup> [...]” (MORI, 2015, p. 275, tradução nossa).

Diferente da novela de Forster, os contos de ficção científica distópica de Levi se enquadram em uma região do *continuum* antinômico, conforme a caracterização de Moylan (2000), localizada mais próxima das características de uma distopia mítica ou pseudo-distopia. Entretanto, Mori (2015, p. 285, tradução nossa) afirma que o autor não deve ser considerado um escritor antiutópico, pois ele cria cenários em que parece não “[...] haver qualquer esforço da estrutura de poder para criar um modelo de perfeição. Em vez disso, os universos de Levi parecem ser ‘armadilhas’ das quais uma humanidade infeliz e perdida não sabe mais como escapar [...]”.

## VÍCIO DE FORMA: ENTRE A CIÊNCIA, A TECNOLOGIA E O FUTURO DA HUMANIDADE

A obra *Vício de forma* possui contos escritos entre 1968 e 1970, que nascem a partir da percepção, por parte do autor, de uma ruptura, uma fissura estrutural presente no mundo em que vivia, de um vício de forma que frustra alguns aspectos da nossa civilização ou do nosso universo, apresentando-se em seus contos como uma realidade caótica, hiperdisciplinada e inquietante.

Inicialmente, a coletânea deveria intitular-se *Desumanismo*<sup>6</sup> (tradução nossa), termo que evoca questões ligadas à preocupação com a dissolução daquilo que é humano, evocando questões ligadas ao *Lager*, aos campos de extermínio e ao uso da ciência e da tecnologia no mundo contemporâneo. No prefácio à segunda edição da obra, o autor explica a atmosfera na qual nasceram as

5 O termo é utilizado por Primo Levi, por exemplo, em *A trégua*, seu segundo livro. No trecho, Levi destaca que seus interlocutores pareciam se proteger “em uma fortaleza de ‘desconhecimento’ voluntária”, evitando ouvir o testemunho daqueles que, como ele, tinham sobrevivido aos horrores do Lager. O termo, em suma, intensifica o significado de ignorância, incapacidade de discernimento ou de demonstrar reconhecimento.

6 Conforme correspondência editorial de 10 de dezembro de 1970, na qual o editor transmite ao autor uma cópia do contrato para a publicação.

histórias que compõem o livro, marcada por uma visão apocalíptica daqueles anos. Grande parte das narrativas ali presentes trazem o tema da servidão imposta pela tecnologia, da submissão do homem à máquina. Além disso, esse é o livro que Levi mais traz ironia e humor, apesar do pessimismo visível em suas histórias.

A ideia do “vício de forma”, já expressa na apresentação de *Histórias naturais*, traduz a teoria científica do caos determinístico, que trata de sistemas complexos e dinâmicos, que têm em sua natureza a faculdade fundamental da instabilidade. Assim, Levi trata o avanço da técnica e da tecnologia de forma reticente, uma vez que é imprevisível determinar os desdobramentos que delas podem surgir. O autor utiliza a metáfora do “vício de forma” como maneira de expressar a falta de capacidade do pensamento humano em dar uma solução para problemas que comprometem o futuro da humanidade sobre a Terra. Na apresentação editorial do volume, provavelmente escrita pelo autor, a essência das narrativas é indicada por meio de considerações a respeito do futuro da humanidade (BELPOLITI, 2015). Levi questiona se no século XXI existiriam historiadores: segundo ele, a humanidade parece a cada dia “perder todo o interesse pelo passado” e preocupar-se mais em “desembaraçar o novelo do futuro”, e talvez perdesse, assim, o “gosto pelas obras do espírito em geral, dedicando-se unicamente a sobreviver”; tragicamente, conclui que, talvez, “no próximo século, a humanidade simplesmente deixe de existir” (BELPOLITI, 2015, p. 236, tradução nossa).

A formação e o conhecimento científico do autor, aliados à curiosidade que ele nutria pelas descobertas da ciência e pelos avanços tecnológicos — Levi era leitor assíduo da revista estadunidense *Scientific American* —, geram essa visão potencialmente catastrófica e pessimista, que antecipa elementos da nossa realidade. De acordo com Lukács (1968, 2018), a obra de arte autêntica é realista e tem o potencial de prever o futuro, não em um sentido metafísico, mas por ser um reflexo<sup>7</sup> peculiar da realidade objetiva e possibilitar representações que condensam no típico (personagens e situações) problemas humanos que atravessam toda a história da sociedade de classes. O típico “[...] representado na obra deve se revelar como momento exatamente previsto, como momento necessariamente conservado na continuidade do desenvolvimento da humanidade” (LUKÁCS, 2018, p. 217). O escritor genial se coloca no lugar do típico de forma a pressentir o que ele prevê; ele realiza antecipações que não são matematicamente precisas, mas que têm base em tendências concretas da história humana, o que aproxima a literatura realista do verdadeiro humanismo (LUKÁCS, 1968, 2018). No processo de criação, escritores de ficção científica podem ter ajuda da ciência e da filosofia como “[...] instrumento para compreender com maior profundidade, riqueza e amplitude os fenômenos da vida” (LUKÁCS, 2018, p. 157).

Os contos de *Vício de forma* proporcionam uma espécie de meditação a respeito dos avanços científico-tecnológicos, que devem ser analisados dentro da sua complexidade em relação, inclusive, com os contextos sócio-políticos e históricos no qual estão inseridos. Diz Levi, ainda na apresentação editorial (BELPOLITI, 2015, p. 237, tradução nossa), que “enquanto metade do mundo ainda espera os benefícios da técnica”, a outra metade já tocou o solo lunar e está “intoxicada pelo lixo acumulado em poucas décadas”. E complementa: “não há escolha; à Arcádia não se retorna mais, e somente da técnica, e só dela, poderá vir a restauração da ordem planetária, o concerto do

7 No reflexo estético da realidade, a particularidade é o termo mediador e de convergência dos movimentos da dialética singular-particular-universal. “[...] existe um movimento da particularidade à universalidade (e vice-versa), bem como da particularidade à singularidade (e ainda vice-versa), e em ambos os casos o movimento para a particularidade é o conclusivo” (LUKÁCS, 2018, p. 153).

‘vício de forma’” (LEVI, 1971, tradução nossa)<sup>8</sup>. Importante associar esse distanciamento da ciência vivenciado por alguns e seu transbordamento sentido por outros em relação à vacinação contra a COVID-19, reconhecida pela própria OMS como um “apartheid de vacinas”, em que alguns países cogitam aplicar a terceira dose desnecessária apenas para não doar seu excedente para países que sequer aplicaram a primeira dose. No Estado suicidário de Bolsonaro, dinheiro público é investido em estudos sobre a terceira dose enquanto há falta de vacinas e prazos de intervalo vacinal têm sido desrespeitados por falta de doses (MUNDO..., 2021). Nesse cenário, como afirma Mascaro (2020, p. 25), “a materialidade econômica da exploração pode se fazer compreender para além da materialidade político-ideológica do capital que constitui o imediato das subjetividades”.

Os contos que formam o volume em questão podem ser considerados uma metáfora que ilustra parte da história da segunda metade do século XX. Algumas das narrativas abordam, por exemplo, as leis raciais, que são responsáveis pela segregação das minorias étnicas e religiosas, e a guerra, conduzida por ferramentas nascidas do avanço técnico-científico, que são dois dos eventos que caracterizam o século XX. Dentro desse universo, optamos pelo conto “Proteção” por considerá-lo realista, segundo o entendimento de Lukács (1968), e por ser uma metáfora que ilustra nossos tempos de isolamento social, incertezas, negacionismos, autoritarismo e dependência das tecnologias. Destacamos que, embora toda obra de arte realista seja partidária no sentido de expressar tomadas de posição do artista diante das lutas históricas, sua essência não é ser política nem ser transformadora da realidade; portanto, a literatura realista não precisa ser panfletária e levantar bandeira para sensibilizar o ser humano (LUKÁCS, 1968, 2018). Não procuramos no conto uma articulação profunda com a atualidade, pois a literatura envolve outros elementos, como o reflexo estético da realidade. Considerar o conto um fragmento da realidade é rebaixar a dialética do seu reflexo e torná-lo uma mera cópia fotográfica, e o prazer estético consiste na receptividade de uma realidade que “[...] é mais intensa do que a experiência obtida na própria realidade objetiva e que, precisamente nesta intensidade, revela imediatamente a oculta essencialidade real (LUKÁCS 2018, p. 265). Nosso objetivo, portanto, é identificar elementos estéticos que possibilitam estabelecer paralelos/metáforas com a atualidade, como procuramos demonstrar com a novela de Forster.

## **A TECNOLOGIA COMO CERCEAMENTO DA LIBERDADE E DA VERDADE E COMO AMPLIAÇÃO QUE LIMITA A VIDA HUMANA**

O conto “Proteção” apresenta, seguindo uma constante presente nas distopias, uma sociedade — também em tempo e espaço indeterminados — em que a ameaça de micrometeoritos obriga, por lei, todos os cidadãos a usarem couraças pesadas (em torno de 6 quilos), que cobrem seu rosto, dificultando a alimentação e a respiração. Teorias conspiratórias cercam esse cenário, apontando para os exorbitantes lucros de grandes empresas, como a General Motors, que teria interesse na venda das couraças, e destacam o envolvimento da mídia, que noticia todo tipo de morte, como infarto, quando ocorrida durante o uso da couraça ou como resultado dos micrometeoritos, quando ocorrida sem a couraça. As-

---

<sup>8</sup> Escrito por Primo Levi na “orelha” do livro.

sim, percebemos na sociedade imaginada por Levi que a ciência supostamente investigou esse fenômeno dos micrometeoritos — ainda que sem o devido esclarecimento ao público quanto aos critérios de verdade adotados nessa investigação — e produziu uma alternativa tecnológica para proteção da população.

Percebe-se ainda que a posse de recursos permite o uso de couraças mais confortáveis por serem mais leves e feitas sob medida, portanto, novamente a tecnologia beneficia de modo distinto os grupos sociais em função do seu pertencimento de classe. Paralelos com essa situação podem ser identificados, por exemplo, no desenvolvimento de modelos de máscara de proteção contra o coronavírus mais confortáveis e sofisticados, mais eficazes e com tecnologias acopladas. A partir da distopia iminente que estamos vivendo, é válida a conjectura de que essas máscaras de proteção podem vir a ser as novas vestimentas ou acessórios para o corpo humano, assim como as couraças em “Proteção”. As relações materiais econômicas também são fundamentais no conto e na realidade objetiva da pandemia, quando entendemos que essa crise do capitalismo contemporâneo culmina na pandemia como produto direto do modo de exploração da natureza e de produção de alimentos — que promove o contato de humanos com animais silvestres decorrente da queimada de florestas para criação de animais, que representam outra forma de contaminação e surgimento de pandemias. Após a instauração da crise sanitária, diversas formas de crise econômica emergem, desde a criação da falsa dicotomia entre empregos ou vidas até a configuração do apartheid de vacinas.

Todos esses elementos se manifestam no conto de Levi por meio da conversa entre dois casais de amigos que se reúnem para jantar. Roberto e Elena apresentam-se na casa dos amigos Enrico e Marta, vestidos com couraças estilizadas, diferentes daquelas geralmente utilizadas pela maioria das pessoas: “Elena vestia um esplêndido conjunto em aço AISI 304, com soldas em argônio quase invisíveis”, e Roberto, seu esposo, “envergava uma couraça leve, de modelo insólito”, ao que tudo indica, fora das especificações; era mais leve, como o próprio personagem explica: “Pesa seis quilos e oitocentos, faltam apenas duzentos gramas para o padrão, mas ninguém vai perceber” (LEVI, 2005, p. 178). O paralelo com o mercado de vacinas e os *sommeliers* de vacinas brasileiros revelam um dos aspectos perversos da crise do capitalismo brasileira e do Estado suicidário, em que alguns, por terem vagas garantidas em hospitais, escolhem quais vacinas tomar, enquanto outros sequer conseguiram sobreviver até a chegada das vacinas no Brasil — como demonstram diversos estudos sobre a alta mortalidade entre a população brasileira mais pobre e negra.

Diante dos questionamentos de Marta e Enrico a respeito das couraças vindas da Inglaterra, Elena e Roberto revelam a sensação de conforto que elas proporcionam, o que os fazem querer usá-las, mesmo desconfiando da existência dos micrometeoritos. Essa desconfiança aponta para elementos de autoritarismo governamental, que usa a ocultação da verdade como forma de controle da população. Percebemos nas personagens uma obtusidade como escudo protetor, conforme apontado por Mori (2015), para se adaptarem à realidade distópica imersa em medo e desconhecimento. A obtusidade “[...] implica uma capacidade humana diminuída de agir por meio de uma estratégia de sobrevivência baseada na limitação da própria inteligência” (MORI, 2015, p. 283, tradução nossa).

Levi nos traz mudanças significativas nos relacionamentos a partir da obrigatoriedade no uso das couraças de proteção. A partir de um pensamento da personagem Marta exposto pelo narrador onisciente, o autor nos propõe a reflexão, apontando o fim dos relacionamentos mais íntimos e próximos:

Um capítulo encerrado, se não por outros motivos, pelo incômodo caso da proteção obrigatória, que fazia com que não se soubesse se quem estava na frente era um jovem ou um velho, bonito ou feio, todos os encontros se limitando a uma troca de vozes e ao brilho de um olhar no fundo da viseira. Ela nunca entendera como uma lei tão absurda pôde ter sido votada; e no entanto Enrico lhe explicara várias vezes que os micrometeoritos eram um perigo verdadeiro, tangível, que havia vinte anos a Terra estava atravessando uma nuvem deles, e que bastava apenas um para matar uma pessoa, penetrando-a num instante, de lado a lado (LEVI, 2005, p. 179).

No conto, salta aos olhos também a desconfiança de alguns a respeito da “verdade”. Roberto nega que as mortes são causadas, em sua maioria, pelos micrometeoritos, e sentencia que “[...] tudo não passa de balela. Os casos de ‘morte pelo céu’, como agora se diz, são poucos e em proporção ridícula”; segundo ele, a maioria das mortes se davam por “congestões, infartos ou outros incidentes” (LEVI, 2005, p. 179). A antevisão de Levi é verdadeiramente espantosa, evidenciando sua genialidade ao construir personagens e uma situação distópica típicos e conseguir expressar — a partir deles e auxiliado pela sua formação científica e filosófica e pela sua vivência em Auschwitz — tendências estruturadas na concreta luta pela sobrevivência humana na sociedade de classes, de tal forma que hoje, em 2021, conseguimos traçar paralelos do seu conto com a realidade (LUKÁCS, 2018, 1968). A personagem em questão representa algo que, nos tempos atuais, faz parte da realidade de quem trabalha com educação, comunicação e ensino: o negacionismo. Nossa sociedade está marcada por uma horda de pseudo-estudiosos que se apegam a teorias da conspiração para negar fatos e dados empíricos, e construir pós-verdades intimamente ligadas a seus interesses ideológicos e pessoais. Pregam o revisionismo da história, contestam descobertas científicas, negam dados estatísticos e espalham, sobretudo por meio das redes sociais — muitas vezes com o auxílio de algoritmos e robôs — notícias falsas. Destacamos ainda a contagem realizada pelo site Aos Fatos em janeiro de 2021 (FREITAS; NALON; MOURA, 2020): em 741 dias do atual governo, foram proferidas 2228 mentiras pelo presidente Jair Bolsonaro. Safatle (2020) destaca que esse negacionismo muitas vezes implica em autodestruição, sendo essa uma das marcas que evidenciam a vivência do fascismo no Estado suicidário brasileiro.

Em outro trecho de “Proteção”, Roberto diz:

É tudo armação, lhes garanto. O infarto é cada vez mais frequente, mas é uma instituição que não serve a ninguém: em regime de pleno emprego, simplesmente tentaram utilizá-lo, e pronto. Se quem sofre um ataque está sem couraça, foi um MM, um micrometeorito, e sempre se encontra um perito para confirmar o laudo; se a couraça existe, então se caracteriza o infarto, e ninguém se importa. (LEVI, 2005, p. 179)

É evidente o paralelo que podemos estabelecer entre Roberto e aqueles que, em nossos dias, questionam o número de infectados e mortos pela COVID-19, a sua letalidade, a sua existência ou ainda as tentativas de maquiagem dos dados divulgados pelo governo, focando nos recuperados ao invés dos infectados como estratégia de ocultação da verdade, característica de governos autoritários. Reiteramos que esse efeito não é acidental, mas fruto de uma política característica do Estado suicidário e parte da estratégia de gestão da crise pela crise adotada por governos de extrema-direita (MASCARO, 2020; SAFATLE, 2020). No entanto, ele não é o único personagem a questionar a nova realidade imposta pela existência dos micrometeoritos. Em determinado ponto do diálogo entre os casais, Marta diz que “criaram uma necessidade; eles são muito bons em criar necessidades” (LEVI, 2005, p. 180). A indeterminação pessoal expressa pelo verbo na terceira pessoa do plural intensifica a desconfiança das duas personagens. Assim como na realidade imaginada por Levi, hoje faz parte do pensamento e das convicções de muitos (incluindo nosso governo) daqueles que negam a gravidade da situação de pandemia pela qual passamos, a existência de uma teoria da conspiração.

No conto, o uso de uma armadura supostamente amplia os limites da proteção da pele humana contra os micrometeoritos e, portanto, permite a continuidade da vida, embora possamos questionar que tipo de sociabilidade é possível nessa nova condição.

“[...] nela eu me sinto tão *snug* quanto uma barata num tapete. Protegida como numa fortaleza, e à noite, quando vou para a cama, me dispo de má vontade.”

“Protegida contra o quê?” [pergunta Marta]

“Não sei, contra tudo. Contra os homens, o vento, o sol e a chuva. Contra o smog e o ar contaminado e os dejetos radiativos. Contra o destino e contra todas as coisas que não se vêem nem se prevêem. Contra os maus pensamentos e contra as doenças e contra o futuro e contra mim mesma. Se não tivessem feito aquela lei, creio que ainda assim eu teria comprado uma couraça.” (LEVI, 2005, p. 180-181)

Essa colocação nos remete a um dos recursos das distopias e de regimes autoritários, em geral: a ocultação da verdade e a criação de inimigos imaginários. O atual chefe do executivo brasileiro costuma destacar seu apreço pela verdade (no sentido bíblico); porém, assessorado e apoiado pelas mais diversas correntes de pseudo-intelectuais — terraplanistas, antivacinas e afins — e por uma milícia digital vociferante e automatizada, sua “verdade” é aquela forjada pelo negacionismo e pelo revisionismo, atendendo ao propósito de criação de uma nova narrativa, que distorce fatos, ideologias e processos históricos e gera inimigos imaginários contra os quais se deve lutar. Alguns inimigos são semanalmente escolhidos, e entre os mais citados estão a China — que teria espalhado o vírus propositalmente pelo mundo a fim de “dominá-lo” ou ainda teria implantado *chips* nas vacinas para controlar as pessoas — e o comunismo, o sempre presente inimigo a ser derrotado. Alguns estudos mapearam essas estratégias de mensagens falsas revelando as contradições sociais e históricas que revestem esses enunciados (ALCANTARA; FERREIRA, 2020; LIMA, CALAZANS,

MASSI, 2021). Segundo Lima, Calazans e Massi (2021, p. 266), a manipulação é uma regra fundamental no conflito de classes, ainda que de forma variável em cada período histórico; assim, “as mensagens falsas são fruto de um modelo de produção que busca sua manutenção mesmo que isso custe a dizimação a classe trabalhadora”.

O decreto de “estado de calamidade pública” adotado por diversos municípios, estados e países, como forma de facilitar o combate à pandemia, revela tanto uma preocupação com o bem-estar social quanto uma possibilidade de instauração de regimes autoritários. Várias reflexões nesse sentido aparecem em artigos publicados por estudiosos na imprensa internacional, dentre as quais podemos citar aquelas do filósofo italiano Giorgio Agamben. Em artigo publicado em fevereiro de 2020<sup>9</sup>, diante do iminente *lockdown* a ser decretado na Itália, observava que determinadas medidas de restrição poderiam provocar “um verdadeiro e próprio estado de exceção” e concluía dizendo que “o estado de medo que se difundia entre os indivíduos, poderia traduzir-se em pânico coletivo, ao qual a pandemia oferecia um pretexto ideal” (AGAMBEN, 2020a, tradução nossa). Na opinião do filósofo, “a limitação das liberdades impostas pelos governos é aceita em nome de um desejo de segurança induzido pelos mesmos governos, que agora intervêm para satisfazê-lo” (AGAMBEN, 2020a, tradução nossa). Destacamos que a perspectiva de Agamben, naquele momento, ainda se pautava por um certo desconhecimento acerca dos efeitos da COVID-19 e das consequências que seriam causadas pela quarentena.

Em outro artigo publicado posteriormente, em 27 de março de 2020, intitulado “Reflexões sobre a peste”, Agamben questiona “a facilidade com a qual uma sociedade inteira aceitou sentir-se contaminada, isolar-se em casa e suspender as suas normais condições de vida, as suas relações de trabalho, de amizade, de amor e até mesmo as suas convicções religiosas e políticas” (AGAMBEN, 2020b, tradução nossa). As posições de Agamben são polêmicas, sobretudo quando, ao longo das suas reflexões, indica a comparação do confinamento e do isolamento social a campos de concentração, e suscitam a reação de outros pensadores da contemporaneidade, como Roberto Esposito, que se debruça sobre o conceito de biopolítica cunhado por Michel Foucault. Mas devemos considerar que o discurso de Agamben, de fato, desperta a reflexão, a partir do momento em que nos provoca com as perguntas: Até quando a situação de exceção irá perdurar? E quando — e se — ela acabar, quais liberdades nos serão devolvidas?

A partir da possibilidade de geração de um permanente autoritarismo, podemos trazer o exemplo do governo da Hungria, ligado à chamada extrema-direita: o primeiro-ministro Viktor Orbán, a partir de um decreto que instaura leis especiais sob a situação de pandemia, obteve poderes extraordinários que o permitiram concentrar todas as decisões em suas mãos. O estado de emergência por tempo indeterminado permitiu perseguições políticas, prisões de opositores — um ativista da oposição foi detido, em maio de 2020, por criticar as ações do executivo no Facebook, e teve seus dispositivos eletrônicos apreendidos (WALKER; RANKIN, 2020).

O contexto suscitado pelo conto dialoga com nosso contexto atual, mas ao contrário da ficção de Levi, é importante destacar que vivenciamos um perigo real que precisa ser

---

9 Artigo publicado em 23 de fevereiro de 2020, no qual Agamben ainda considerava que as medidas de isolamento social eram exageradas. O texto, que causou polêmica, foi seguido de outros nos quais o filósofo tratou diretamente da recente pandemia, a partir de duas perspectivas: como o contexto da pandemia reduziu a vida humana a uma exclusiva luta pela sobrevivência; e como as medidas adotadas pelas autoridades podem fazer surgir estados de exceção.

combatido de diversas formas, incluindo instrumentos de proteção como as máscaras, a vacinação e o isolamento social. Por outro lado, essa narrativa distópica nos alerta para a possibilidade de uma extrapolação dos perigos e das formas possíveis de proteção, ressaltando os riscos que podem decorrer desses exageros, afinal, governos autoritários “são muito bons em criar necessidades”, como nos alerta Levi. Além disso, Mascaro (2020) e Safatle (2020) defendem que a agudização da crise pode ser o estopim para mudanças efetivas na sociedade em direção a novas formas de vida, de produção e novas subjetividades.

## VERDADE, DISTOPIA, AUTORITARISMO E O NOVO CORONAVÍRUS

Vimos que enquanto *A máquina parou* de Forster apresenta características que tendem para uma distopia épica, o conto “Proteção” de Primo Levi tende para uma distopia mítica (MOYLAN, 2000), uma vez que não são evidenciadas possibilidades de mudança e superação e de se chegar a uma verdade a respeito do que está por trás do uso das armaduras. O conto aproxima-se da novela na medida em que não aborda como a sociedade chegou àquela situação e como está organizada, e devido à relação das tecnologias com a sociabilidade. Contudo, em “Proteção”, as personagens parecem estar controladas por uma “força invisível” indetectável, controladas física e mentalmente pelo medo e pela impossibilidade de conhecerem o que de fato acontece à sua volta. Mas isso não quer dizer que não haja uma verdade: Levi parece nos alertar para os perigos dessas armadilhas morais do desconhecimento, que possuem a ciência como aliada, evidenciando “vícios de forma” da tecnologia que se modificam de forma rápida e imprevisível.

Encontramos em seus contos uma visão ambivalente dos avanços científicos e tecnológicos. O autor, que representa um caso único de contato entre a cultura científica e a humanística, traz em seus escritos tal concepção ambivalente: por um lado, exalta a capacidade humana de, por meio do conhecimento científico, buscar melhorias nas condições de vida ou curas para doenças; por outro lado, por meio das atmosferas obscuras de suas narrativas, expõe a descrença na mesma ciência, que se desenvolvia sem se preocupar com questões éticas e humanistas. O autor encontra na ficção científica distópica o modelo de literatura capaz de apresentar-se como porta-voz da capacidade humana de criar, mas também de destruir.

O conhecimento e o contato com os avanços científicos e tecnológicos do período pós II Guerra Mundial trazem a Levi a matéria-prima de seus contos, pautados pela incerteza a respeito do futuro, e nos quais encontramos uma visão crítica e de alerta, apontando para os problemas de uma sociedade cômoda e obtusa guiada pela ciência e suas tecnologias. Nesse ponto, o conto de Primo Levi nos convida a refletir sobre quais são os desdobramentos possíveis a respeito de nosso futuro, o futuro pós-pandemia. Muitos estudiosos trazem a real possibilidade do surgimento de um novo mundo, diferente daquele que conhecemos até agora, em partes devido ao possível acirramento de posturas governamentais autoritárias. Independentemente do viés — pessimista ou otimista — a respeito do futuro da humanidade, todos parecem dizer que precisamos nos reinventar. A literatura é reflexão. E, nesse caso, é fantasia que nos faz pensar na nossa própria realidade.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. L'invenzione di una epidemia. *Quodlibet*, 26 fev. 2020(a). Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia>. Acesso em: 13 jan. 2021.
- AGAMBEN, G. Riflessioni sulla peste. *Quodlibet*, 27 mar. 2020(b). Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-riflessioni-sulla-peste>. Acesso em: 13 jan. 2021.
- ALCANTARA, J.; FERREIRA, R. R. A infodemia da “gripezinha”: uma análise sobre desinformação e coronavírus no Brasil. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 145, p. 137-162, dez. 2020.
- BECKER, C. V. *Inscrições distópicas no romance português do século XXI*. 2017. 180 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- BELPOLITI, M. *Primo Levi: di fronte e di profilo*. Milano: Ugo Guanda, 2015.
- DELFINO, S. S.; PINHO NETO, J. A. S.; SOUSA, M. R. F. Desafios da sociedade da informação na recuperação e uso de informações em ambientes digitais. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 17, p. 1-16, nov. 2019.
- FORSTER, E. M. *A máquina parou*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo: Itaú Cultural: Iluminuras, 2018. *E-book*. Paginação irregular.
- FREITAS, A.; NALON, T.; MOURA, B. (ed.). Em 741 dias como presidente, Bolsonaro deu 2228 declarações falsas ou distorcidas. *Aos Fatos*, Rio de Janeiro, 11 jan. 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>. Acesso em: 14 jan. 2021.
- LEVI, P. *Vizio di forma*. Torino: Einaudi, 1971.
- LEVI, P. *71 contos de Primo Levi*. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LEVI, P. *O ofício alheio*. Tradução de Silvia Massimini Felix. São Paulo: UNESP, 2016.
- LIMA, G. S.; CALAZANS, M. M.; MASSI, L. Mensagens falsas sobre o novo coronavírus: legitimidade e manipulação na luta de classes. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 147, p. 259-280, ago. 2021.
- LUKÁCS, G. Marx e Engels, historiadores da literatura. In: LUKÁCS, G. *Marxismo e teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 7-161.
- LUKÁCS, G. *Introdução a uma estética marxista: sobre a particularidade como categoria da estética*.

São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

MASCARO, A. L. *Crise e pandemia*. São Paulo: Boitempo, 2020. *E-book*. Paginação irregular.

MORI, R. Worlds of “un-knowledge”: dystopian patterns in Primo Levi’s short stories. *Science fiction studies*, v. 42, n. 2, p. 274-291, nov. 2015.

MOYLAN, T. Part two: dystopia. In: MOYLAN, T. *Scraps of the untainted sky: science fiction, utopia, dystopia*. Boulder, CO: Westview, 2000. p.111-199.

MUNDO vive apartheid de vacinas contra Covid-19, diz diretor da OMS. *G1*, 17 maio de 2021. Coluna Bem Estar, Vacina. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/05/17/mundo-vive-apartheid-de-vacinas-contr-covid-19-diz-diretor-da-oms.ghtml>. Acesso em: 25 ago. 2021.

PÉREZ-DASILVA, J.-Á.; AYERDI, K.; GALDOSPÍN, T. Fake news y coronavirus: detección de los principales actores y tendencias a través del análisis de las conversaciones en Twitter. *El profesional de la información*, v. 29, n. 3, p. 1-22, maio 2020.

SAFATLE, V. Bem-vindo ao Estado suicidário. *AGB-Campinas*, 05 abr. 2020. Geral. Disponível em: <http://agbcampinas.com.br/site/2020/vladimir-satafle-bem-vindo-ao-estado-suicidario/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

SUVIN, D. A Tractate on dystopia 2001. In: SUVIN, D. *Defined by a hollow: essays on utopia, science fiction and political epistemology*. Oxford, UK: Lang, 2010. p. 381-412.

TANDOC JR., E. C.; LIM, Z. W.; LING, R. Defining “fake news”: a typology of scholarly definitions. *Digital journalism*, v. 6, n. 2, p. 137-153, ago. 2018.

WALKER, S; RANKIN, J. Hungary’s coronavirus laws prompt new showdown with Brussels. *The Guardian*, 13 maio. 2020. World, Europe, Hungary. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/may/13/hungary-viktor-orban-coronavirus-laws-prompt-new-showdown-with-brussels>. Acesso em: 25 ago. 2021.

